

*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

## **José Martí: americanidade como afirmação da identidade e construção de um subcontinente em paz**

Isabel Araújo Branco  
CHAM — Centro de Humanidades (NOVA FCSH—UAc), Portugal  
[ibranco@fcsb.unl.pt](mailto:ibranco@fcsb.unl.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-2204-5501>

Recibido: 1 de agosto de 2019  
Aceptado: 20 de setiembre de 2019

**Resumo:** Apesar de ter morrido em combate, o principal objectivo de José Martí era construir um futuro de paz para Cuba e para a América Latina, marcado pela liberdade, justiça, respeito e dignidade, em harmonia com a «alta esfera». Mais do que os resultados militares, interessava-lhe transmitir as suas concepções políticas e sociais através da educação e da cultura. A sua obra poética reflecte esta visão do humano, da natureza e do cosmos. Neste artigo analisamos a forma como Martí vê a América, o combate contra as tiranias e o papel de homens e mulheres na formação de uma sociedade mais equilibrada no imediato e a longo prazo.

**Palavras-chave:** José Martí; América Latina; poesia; paz, guerra; educação; natureza.

### **José Martí: Americanness as affirmation of identity and construction of a peaceful sub-continent**

**Abstract:** Despite have death in combat, José Martí's main objective was to build a future of peace for Cuba and for Latin America, marked by freedom, justice, respect and dignity, in harmony with the «high sphere». More than the military results, he was interested in transmitting his political and social conceptions through education and culture. His poetic work reflects this point of view about the human, nature and universe. In this article we analyze how Martí sees America, the fight against tyrannies and the role of men and women in the formation of a more balanced society in the immediate and long term.

**Keywords:** José Martí; Latin America; poetry; peace; war; education; nature.



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

2

O ensaísta, jornalista, pensador e poeta cubano José Martí é considerado um dos construtores da independência de Cuba. Passando grande parte da sua vida fora da ilha, morreu em 1895 no campo de batalha, a lutar contra o exército espanhol, três anos antes da emancipação do país. Apesar desta minha apresentação, Martí visava a paz, embora não uma paz qualquer: a paz do respeito entre povos e dos princípios da liberdade e igualdade no seio da humanidade. A sua obra revela uma profunda paixão humanista pela beleza e por uma ordem social digna de homens livres, sendo marcada por um forte tom ético e pela procura da harmonia entre homens e povos. O sofrimento que esta busca produz está presente na sua poesia e na sua prosa, procurando juntar o ético, o estético e o político.

Baseando o seu pensamento no cristianismo e em filósofos como Schopenhauer e Nietzsche, José Martí mostra-se preocupado com Cuba, mas também com todo o subcontinente latino-americano. Para ele, é claro que não haverá independência cubana sem a solidariedade das nações irmãs, nem estas se poderão sentir seguras se Cuba não se tornar independente de Espanha. Simultaneamente dá uma grande atenção às ambições hegemónicas dos Estados Unidos. E, quando escrevo «Estados Unidos», não visio os norte-americanos, mas os executivos que governam o país e que, logo após a independência de Inglaterra e em parte através da «Doutrina Monroe», procuraram alcançar o domínio efectivo (oficial ou não) sobre os vizinhos do sul (ver Nota 1). Aliás, Martí admira profundamente as inovações técnicas, tecnológicas e científicas produzidas nos Estados Unidos, aí vivendo e trabalhando entre 1881 e 1895, concretamente na cidade de Nova Iorque.

Martí pensa a América, os americanos e a americanidade como fazendo parte das identidades nacionais e subcontinental, daí defender que a política e a cultura têm de ser uma criação própria de cada país, de acordo com o modo de ser e pensar de cada povo. Apenas conhecendo a realidade é possível agir sobre



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

3

ela de forma conseqüente. «A conflictos propios, soluciones propias» (Martí, 1963, t VI, p. 312), escreveu Martí na sua juventude. Na seqüência da visita que faz à Venezuela em 1881, critica: «Se desdeña el estudio de las cuestiones esenciales de la patria; se sueña con soluciones extranjeras para problemas originales; se quiere aplicar sentimientos absolutamente genuinos, fórmulas políticas y económicas nacidas de elementos completamente diferentes.» (Martí, 1963, t. XIX, pp. 159-160). Lemos no artigo «Nuestra América», publicado em 1891:

El gobierno no es más que el equilibrio de los elementos naturales del país. [...] En el periódico, en la cátedra, en la academia, debe llevarse adelante el estudio de los factores reales del país. [...] Resolver el problema después de conocer sus elementos es más fácil que resolver el problema sin conocerlos. [...] Conocer es resolver. Conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento, es el único modo de liberarlo de tiranías. (Martí, 2007, pp-96-97)

Estas «tiranías» não têm de ter origem apenas no estrangeiro, podem ser exercidas internamente. De facto, como veremos, para Martí, as nacionalidades não são importantes, apenas o comportamento humano e o respeito por si e pelo outro. O «conhecer» que o autor refere nesta passagem corresponde à educação e à cultura, mas adaptadas às formas «naturais» do colectivo americano. Como sublinha Elmys Escibano Hervis, Martí defende que «todas las fuerzas o influencias, especialmente la educación y la cultura, deben estar dirigidas a lograr hombres libres, independientes y autónomos» (Escibano Hervis, 2016, p. 81). De facto, Martí:



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

Fue un defensor de que todos, hombres y mujeres, tuvieran acceso parejo a la instrucción como una suerte de taller para el pensamiento y a la educación que preparara el hombre para la vida y le brindara las herramientas necesarias para marchar por la vida con independencia. Martí entendió el acceso a la educación como una condición para la independencia, de todos los sectores sociales en correspondencia con las condiciones y exigencias de vida y desarrollo en el contexto donde viven. (Escribano Hervis, 2016, p. 82).

Vejamos as palabras do próprio Martí, retiradas de «Escuela de electricidad» (1883):

Educar es depositar en cada hombre toda la obra humana que le ha antecedido: es hacer a cada hombre resumen del mundo viviente, hasta el día en que vive: es ponerlo a nivel de su tiempo, para que flote sobre él, y no dejarlo debajo de su tiempo, con lo que no podrá salir a flote; es preparar al hombre para la vida. (Martí, 1963, t. VI, p. 281)

Regressemos a «Nuestra América»: «Los hombres naturales han vencido a los letrados artificiales. El mestizo autóctono ha vencido al criollo exótico. No hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza.» (Martí, 2007, p. 96) Assim, ao contrário da concepção do argentino Domingo Faustino Sarmiento, para Martí a barbárie é o abuso de poder, a desumanidade, a ignorância, a artificialidade face à natureza, ao próprio de cada região, numa perspectiva anticolonialista da sociedade. Por isso, Martí defende que se estude a história pré-colombiana, pois existiam civilizações na América



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

5

antes da chegada dos europeus. A Grécia clássica não é o único modelo: «La historia de América, de los incas a acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria. Los políticos nacionales han de reemplazar a los políticos exóticos.» (Martí, 2007, p. 97) Temos, pois, uma inversão da História com a introdução de uma perspectiva americanistas e simultaneamente uma inversão do exotismo, aqui correspondendo ao passado europeu. Todavia, sublinhe-se que Martí não recusa o passado grego – isto é, europeu – da América, mas sim a exclusividade destes «antepassados». Por outro lado, e numa perspectiva profundamente vanguardista, considera que as nações americanas têm a tarefa criadora de conciliação social, que inclui os índios e os negros, numa concepção que praticamente só foi novamente retomada por José Carlos Mariategui, no Peru, na primeira metade do século XX. Saliencia Martí: «No hay odio de razas, porque no hay razas.» (Martí, 2007, p. 102) Existe apenas uma raça humana, uma apenas, como foi aliás provado entretanto pelos avanços técnicos e científicos com a identificação do genoma do *homo sapiens*.

Numa primeira leitura, diríamos que em «Nuestra América» o «nós» identificado pelo narrador/autor corresponde aos índios, negros e mestiços, bem como à América Latina e às culturas pré-hispânicas, enquanto o «outro» inclui a Europa e a América do Norte. Mas não é assim tão simples, porque Martí se identifica com quem respeite e lute pela harmonia cósmica, pela chamada «alta esfera». Como afirma Julio Ortega, Martí defende «la noción de que los hombres nos definimos por lo que hacemos; no por lo que opinamos o creemos, sino por lo que somos capaces de hacer» (Ortega, 2010, pp. 2010-211), num projecto de futuro. Assim, o autor acredita que, para além do quotidiano, há uma «alta esfera» a que todos devemos aspirar. Esta «alta esfera» compreende a fusão cósmica da arte, da vida e da ordem natural, um Uno que inclui em si todos os seres, unidos



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

6 pelo amor, em paz pela harmonia cósmica, embora continuamente ameaçada pela destruição, violência e desequilíbrios. Explica Carlos Javier Morales:

Este Uno esencial [...] consiste en un Espíritu supremo que reside propiamente en una esfera supraterrena: de ahí la dificultad de delimitar su trascendencia o inmanencia con respecto al mundo. [...] la vida humana exige un constante ejercicio moral para combatir el mal, el cual instaura el caos, el desequilibrio, tanto en nuestro espíritu como en la vida social. (Morales, 2005, pp.11-12)

A obrigação do ser humano é contribuir para um cosmos harmonioso e equilibrado, é lutar pelo bem comum, responsável pelo seu próprio destino e pelo respeito pela «alta esfera».

Para Martí, a arte tem de ser devolvida aos homens-artistas com a visão e o temperamento ético adequados para a realizar. O objectivo da poesia não é «decir discursos parlamentarios, ni acobardar los hombres, ni hacer extractos o color de descripciones, sino elevar, iluminar y consolar» (citado em Morales, 2005, p. 8). A poesia serve para transmitir ideais e aceder a componentes da realidade ainda por descobrir ou compreender. E, neste processo, a natureza desempenha um papel importante como educadora, constituindo, aliás, uma das principais fontes de conhecimento. Tal é bem claro na sua obra ensaística, mas igualmente na poesia.

Em vida, Martí publicou apenas os livros de poesia, *Ismaelillo* (1882) e *Versos sencillos* (1891), ambos fundamentais na história da poesia hispano-americana. *Versos libres*, editado em 1913, após a sua morte, é igualmente importante. Lemos em II de *Versos sencillos*:



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*



Yo sé de Egipto y Nigricia,  
Y de Persia y Xenophonte;  
Y prefiero la caricia  
Del aire fresco del monte.

Yo sé de las historias viejas  
Del hombre y de sus rencillas;  
Y prefiero las abejas  
Volando en las campanillas.

Yo sé del canto del viento  
En las ramas vocingleras:  
Nadie me diga que miento,  
Que lo prefiero de veras.

Yo sé de un gamo aterrado  
Que vuelve al redil, y expira,—  
Y de un corazón cansado  
Que muere oscuro y sin ira. (Martí, 2005, p. 164)

O sujeito poético conhece bem a história clássica da Europa e do Médio Oriente, mas escolhe a natureza americana, identificando-se com o veado moribundo que perece no seu abrigo. Já em *Ismaelillo* Martí tinha apresentado esta concepção, nomeadamente em «Valle lozano», em que o sujeito contrapõe o ferro do fértil arado e da adaga mortal do militar, ou seja, entre o trabalho pacífico e edificador do agricultor na terra e a acção dolorosa de quem empunhe a arma:



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*



Dígame mi labriego  
Cómo es que ha andado  
En esta noche lóbrega  
Este hondo campo?  
Dígame de qué flores  
Untó el arado,  
Que la tierra olorosa  
Trasciende a nardos?  
Dígame de qué ríos  
Regó este prado,  
Que era un valle muy negro  
Y ora es lozano?

Otros, con dagas grandes  
Mi pecho araron:  
Pues ¿qué hierro es el tuyo  
Que no hace daño?  
Y esto dije– y el niño  
Riendo me trajo  
En sus dos manos blancas  
Un beso casto. (Martí, 2005, p. 79)

Mas há que manter sempre a atenção e garantir que a passividade (mesmo se de um elemento natural) não coopera com a desarmonia. É o que acontece em «Odio el mar», incluído em *Versos libres*:





*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

[...] También los mares,  
El sol también, también Naturaleza  
Para mover al hombre a las virtudes,  
Franca ha de ser, y ha de vivir honrada. [...]

Odio el mar, que sin cólera soporta  
Sobre su lomo complaciente, el buque  
Que entre música y flor trae a un tirano. (Martí, 2005, pp. 130-131)

Por isso o sujeito abomina o mar, que, apesar da sua vastidão natural, permite com o seu silêncio e inércia cúmplice, que o mal avance. Serve-se do retrato que faz do mar para afirmar, em oposição, a sua própria identidade. Ele assume o sofrimento como uma consequente inevitável da sua honrada tarefa de agir em conformidade com a «alta esfera». Mesmo experimentando momentos infelizes, encontra forças renovadas nos seus ideais:

Lo que me duele no es vivir: me duele  
Vivir sin hacer bien. Mis penas amo,  
Mis penas, mis escudos de nobleza.  
No a la próspera vida haré culpable  
De mi propio infortunio, ni el ajeno  
Goce envenenaré con mis dolores.  
Buena es la tierra, la existencia es santa.  
Y en el mismo dolor, razones nuevas  
Se hallan para vivir, y goce sumo,  
Claro como una aurora y penetrante.

[...] algunos son cobardes,



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

Y lo que ven y lo que sienten callan:  
Yo no: si hallo un infame al paso mío,  
Dígole en lengua clara: ahí va un infame,  
Y no, como hace el mar, escondo el pecho. (Martí, 2005, pp. 130-131)

A natureza é, pois, um tema habitual na obra de Martí, manifestando em inúmeras ocasiões preocupações ecológicas, concretamente em relação à preservação das espécies, aos recursos do planeta e à poluição dos mares e dos rios. Elmys Escribano Hervis resume: «En la cosmovisión martiana, la naturaleza es piedra angular de su concepción sobre el mundo, la sociedad y el ser humano en sus relaciones.» (ESCRIBANO HERVIS, 2015, p. 90) Recuperemos, então, algumas passagens de Martí sobre o tema:

La naturaleza inspira, cura, consuela, fortalece y prepara para la virtud al ser humano. Y el ser humano no se halla completo, ni se revela, a sí mismo, ni ve lo invisible, sino en su íntima relación con la naturaleza. (Martí, 1963, t. XIX, p. 361)

El mundo sangra sin cesar de los crímenes que se cometen en él contra la naturaleza. (Martí, 1963, t. V, p. 381)

¿Qué es la naturaleza? El pino agreste, el viejo roble, el bravo mar, los ríos que van al mar como a la eternidad vamos los seres humanos: la naturaleza es el rayo de luz que penetra las nubes y se hace arco iris; el espíritu humano que se acerca y eleva con las nubes del alma y se hace bienaventurado. Naturaleza es todo lo que existe, en toda forma, espíritus y cuerpos; corrientes esclavas en su



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

cauce; raíces esclavas en la tierra; pies, esclavos como las raíces; almas, menos esclavas que los pies. El misterioso mundo íntimo, el maravilloso mundo externo, cuanto es, deforme o luminoso u oscuro, cercano o terroso, regular todo, medido todo menos el cielo y el alma de los seres humanos es Naturaleza. (Martí, 1963, t. XIX, p. 361)

O já referido *Ismaelillo* é dedicado ao filho, José, que se encontra longe. O início da dedicatória ajuda-nos a compreender a obra: «Hijo,/ Espantado de todo,/ me refugio en ti.» Há, portanto, uma inversão das funções tradicionais da paternidade: é o filho que protege e salva o pai. O título utiliza a figura bíblica de Ismael, filho de Abraão e da escrava Agar, expulso de casa com a mãe quando Sara, a mulher de Abraão, dá à luz Isaac. Deus, então, promete torná-lo condutor de uma grande nação, de forma a compensá-lo. Assim, o «Ismaelillo» do título é o filho de Martí, é um novo Ismael distante do pai e o símbolo de uma nova nação. Assim, o pai salvar-se-á através da criança, mais forte que ele. O pai apresenta-se como filho do próprio filho: é o futuro que alimenta a sua luta no presente. Lemos em «Musa traviesa»:

Hijo soy de mi hijo!  
Él me rehace! (Martí, 2005, p. 64)

É uma projecção de futuro, procurando forças nesse futuro a criar também por ele mesmo. O futuro almejado alimenta o seu combate, o futuro simbolizado pelas novas gerações, pelos filhos em geral e pelo seu filho em particular, que darão corpo a esse tempo e o desenvolverão, um tempo que só será real para eles se os pais contemporâneos do sujeito poético tudo fizerem para o construir. Em termos poéticos, o filho e o futuro funcionam como musa, à imagem do título do próprio poema. «[...] si José Francisco es simbolizado en el título como



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

12

*simiente* de Cuba libre, es porque representa tanto el producto biológico como la perpetuación política de la función *seminal* del padre» (González García, 2018, p. 59), comenta Mónica González García, acrescentando que «la [su] fuente de autoridad política está, en consecuencia, contenida en su capacidad para sembrar las *semillas* de una nueva sociedad». (González García, 2018, p. 59)

Em *Versos sencillos*, os poemas mostram que o ser humano sofre quando altera as leis sagradas que regem o mundo. No grande desígnio do cosmos tudo se transforma em algo maior, mesmo o sofrimento e a morte: a dor transforma-se em poesia e alcança outros humanos e o sangue dos combatentes cria e defende pátrias livres. As composições de *Versos libres*, por seu lado, incluem composições de desalento e lamento de um sujeito poético marcado pelo cansaço da luta. A poesia, o amor e o projecto de um país e um subcontinente independentes constituem os seus refúgios, depois de passar por tantos obstáculos.

Retomemos a questão do «eu»/«nós» e do «outro». Vimos que, para Martí, o «outro» não tem de ser necessariamente os EUA ou os norte-americanos, Espanha ou os espanhóis. A nacionalidade não é importante, apenas o ser humano, as suas concepções e as suas acções. A sua visão de humanidade foi marcada pela sua experiência no degredo. Condenado aos 18 anos a sair de Cuba e ser deportado para Espanha devido às suas actividades revolucionárias e separatistas, Martí permanece nesse país três anos. Não querendo fazer uma leitura biografista da obra, podemos afirmar que esta foi uma experiência fundamental para Martí compreender que o seu inimigo não eram os espanhóis, mas quem fosse contra a independência de Cuba e outros países, fosse espanhol, cubano ou de qualquer outra proveniência. Aliás, no poema VII de *Versos sencillos*, a população da província espanhola de Aragão sofre com as mesmas elites e a elas resiste:



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

13

Allá, en la vega florida,  
La de la heroica defensa,  
Por mantener lo que piensa  
Juega la gente la vida.

Y si un alcalde lo aprieta  
O lo enoja un rey cazurro,  
Calza la manta el baturro  
Y muere con su escopeta. (Martí, 2005, p. 169)

Nessa medida, os povos cubano e aragonês são irmãos, unidos contra o mesmo governo opressor. Destaca-se todos os que lutam contra as tiranias, sejam elas internas ou externas, indo assim ao encontro do almejado equilíbrio da «alta esfera». O que importa são os princípios e as acções:

Estimo a quien de un revés  
Echa por tierra a un tirano:  
Lo estimo, si es un cubano;  
Lo estimo, si aragonés. (Martí, 2005, p. 170)

Refere inclusive Juan de Lanuza, decapitado em 1591 pela defesa dos forais de Aragão face ao poder centralizador de Felipe II, e Juan de Padilla, chefe dos comuneiros que se revoltaram contra Carlos I:

Quiero a la tierra amarilla  
Que baña el Ebro lodoso:  
Quiero el Pilar azuloso  
De Lanuza y de Padilla. (Martí, 2005, p. 169)



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

14

O sujeito poético começa por dedicar a composição a Aragão. Afirma que a ama, caracteriza-a como um espaço de coragem e comenta a sua experiência marcada pelas relações humanas, em particular a amizade e o amor. Se alguém ingenuamente perguntar sobre este sentimento do sujeito poético em relação a Espanha, a explicação é fácil de dar:

Para Aragón, en España,  
Tengo yo en mi corazón  
Un lugar todo Aragón,  
Franco, fiero, fiel, sin saña.

Si quiere un tonto saber  
Por qué lo tengo, le digo  
Que allí tuve un buen amigo,  
Que allí quise a una mujer. (Martí, 2005, p. 169)

Conclui o poema afirmando o seu amor à terra espanhola, às suas raízes históricas, à sua arquitectura e aos seus ambientes, incluindo o passado muçulmano do território. Assume, assim, a sua relação umbilical com a cultura europeia (o que incluiu a cultura moçárabe). Sendo latino-americano, é um resultado transcultural (ver Nota 2) de povos e culturas de diferentes partes do globo:

Amo los patios sombríos  
Con escaleras bordadas;  
Amo las naves calladas  
Y los conventos vacíos.



*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

Amo la tierra florida,  
Musulmana o española,  
Donde rompió su corola  
La poca flor de mi vida. (Martí, 2005, p. 170)

Assim, José Martí apresenta uma visão integradora e una do mundo, defendendo a plenitude e o respeito por cada cultura, conhecendo-a a fundo para assim melhor intervir de acordo com a «alta esfera», o amor e a paz universal. Há vários caminhos possíveis, paralelos, simultâneos, que podem parecer contraditórios: pode ser necessário recorrer às armas para impor o respeito aos outros, para defender a paz e a consideração de terceiros e para defender o direito a se ser realmente americano – e ser americano não é ser ameríndio, mas um produto transcultural dos contactos de europeus, africanos, ameríndios e mais tarde asiáticos. Ou seja, a paz pode ser alcançada através da guerra. A paz em Cuba, mas também em toda a América Latina. A guerra das batalhas militares, mas acima de tudo a guerra ideológica, das convicções, das mentalidades, das concepções do ser humano e da arte no imediato, a médio e a longo prazo. Concluimos, pois, o nosso artigo com uma última citação de Martí, retirada de «Nuestra América»: «Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra.» (Martí, 2007, p. 93) É precisamente por isso que o actual presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, homenageou o poeta cubano na viagem que realizou a Havana no final de 2018, colocando uma coroa de flores na estátua de Martí. Sánchez prova, assim, que as trincheiras da ideologia martiniana venceram a Espanha colonialista do fim do século XIX.



## Referências bibliográficas

Escribano, E. (2015). El fomento de la Cultura de la Naturaleza, desde el pensamiento de José Martí. *Integra Educativa*, VIII (3), 87 99.

Escribano, E. (2016). El proyecto cultural liberador de José Martí para su tiempo y para el siglo XXI. *Hallazgos*, 13 (25), 65 87.

González, M. (noviembre de 2018). Topologías de paternidad, patria y guerra en la primera poesía del exilio de José Martí. *Revista Chilena de Literatura*, (98), 55 72.

Martí, J. (1963). *Obras completas*. La Habana: Editorial Nacional de Cuba. Tomos V, VI, XIX.

Martí, J. (2007). Nuestra América. En Aínsa, F. (ed.), *América Latina en José Martí* (pp. 96-97). Madrid: Cooperación Editorial.

Martí, J. (2005). *Poesía completa*. Madrid: Alianza Editorial.

Morales, C. J. (2005). Introducción. En Martí, J., *Poesía completa* (pp. 11-12). Madrid: Alianza Editorial.

Ortega, J. (2010). Hostos y Martí en Nueva York. En Chantraine-Braillon, C., *El escritor y el intelectual entre dos mundos. Lugares y figuras del desplazamiento*. Madrid, Frankfurt am Main: Iberoamericana, Vervuert, 210-211.

Ortiz, F. (2002). *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra.

(2018, noviembre 23). Sánchez homenajea a José Martí, a quien España condenó a cárcel por independentista. *El Nacional*. Recuperado de [www.elnacional.cat/es/politica/sanchez-homenajea-jose-marti-espana-carcel-independentista\\_327744\\_102.html](http://www.elnacional.cat/es/politica/sanchez-homenajea-jose-marti-espana-carcel-independentista_327744_102.html)





*Dossier: Poesía, armonía y conflictos: ayer y hoy*

**Notas**

**Nota 1:** A chamada «Doutrina Monroe» é enunciada pelo presidente norte-americano James Monroe em 1823, numa mensagem ao Congresso dos EUA. Sob o lema «A América para os americanos», defende que as nações americanas têm interesses comuns, diferentes das europeias, bem como uma identidade comum que nasce da comunidade geográfica e da continuidade territorial. Trata-se de uma concepção acima de tudo mística, intimamente relacionada com uma geoestratégia de dominação continental por parte dos EUA.

**Nota 2:** Utilizamos o conceito de transculturação, proposto por Fernando Ortiz em 1940 em *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, que reconhece que, no processo de transição de uma cultura para outra, dá-se a perda de determinadas características e o aparecimento de novos fenómenos culturais que não estão presentes nos seus «pais». Salienta Ortiz que «en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos» (Ortiz, F. (2002). *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra, p. 260).

